

ORGANIZADORES
LEONARDO HALLEY CARVALHO PIMENTEL
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

A hand holding a yellow flower against a textured wall with shadows.

REABILITAÇÃO

TEORIA E PRÁTICA



ASSOCIAÇÃO
REABILITAR

PRESIDENTE BENJAMIM PESSOA VALE

Expediente

Direção editorial: Ana Kelma Gallas

Supervisão técnica: Edson Rodrigues Cavalcante

Diagramação: Kleber Albuquerque Filho

TI Publicações OMP Books: Eliezyo Silva



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P644r

PIMENTEL, Leonardo Halley Carvalho;
CRONEMBERGER, Izabel Herika Gomes Matias.

Reabilitação: Teoria e Prática [livro eletrônico]
/ Leonardo Halley Carvalho Pimentel e Izabel Herika
Gomes Matias Cronemberger (Orgs.). São Paulo:
Lestu Publishing Company, 2022.

701 f. online

ISBN: 978-65-996314-4-3

DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-4-3

1. Reabilitação. 2. Saúde. 3. Trabalhos de
Reabilitação. 4. Habilitação. 5. I. Autor(a). II.
Título. III. Editora. IV. DeCS.

CDD - 343.6

Índices para catálogo sistemático:

1. DeCS (Descritores na Área de Saúde) em Catálogos
Sistemáticos = Reabilitação. Habilitação.
Recuperação das funções humanas. Avaliação
das deficiências humanas. Recuperação de função
fisiológica.

"Os conteúdos dos artigos publicados são de total responsabilidade dos autores e autoras."

Todos os livros publicados pela Editora Lestu Publishing Company estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



A Lestu Publishing Company é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

LESTU PUBLISHING COMPANY

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300,
Brasil.

editora@lestu.org

www.lestu.com.br

(11) 97415.4679

Imagens da obra:
Canva (Creative Commons)

ORGANIZADORES
LEONARDO HALLEY CARVALHO PIMENTEL
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

REABILITAÇÃO

TEORIA E PRÁTICA



49

O origami modular como recurso arteterapêutico para reabilitação física de adultos

Emanoella Mayumi Pereira Sato

A Arteterapia atua na prevenção de doenças, tanto em seu tratamento, como em casos crônicos e na reabilitação de vários distúrbios da saúde. “[...] a arte é utilizada como meio de expressão para facilitar a elaboração verbal e a arteterapia no contexto de ateliê terapêutico, que explora a arte como produto do indivíduo, aprofundando-se na linguagem artística” CHIESA (2004, p.39). Para que isso ocorra, é fundamental a participação do arteterapeuta como orientador e facilitador do processo, sem, contudo, invadir a criatividade do paciente.

O capítulo discute o processo de reabilitação física através da arte de um grupo de adultos com Lesão Encefálica Adquirida (LEA), por meio Arte-Reabilitação. É uma terapia que ajuda o paciente a se readaptar à sua nova vida de desafios e dificuldades causada por acontecimento traumático e emocional, sempre trabalhando sua limitação cognitiva e motora. O estudo ocorreu nas dependências em um centro de reabilitação, sendo a técnica escolhida - Origami, arte de dobrar papel de origem japonesa, como alternativa de melhoria da qualidade de vida através da arte. De acordo Tommasi (2010, p.47): “[...] originando uma relação terapêutica diferente entre o sujeito (criador), o objeto de arte (criação) e o terapeuta”. Tem a seguinte problemática como norte: Quais são os benefícios e as limitações da utilização do Origami Modular como terapia na reabilitação de pacientes adultos com LEA?

Notas de revisão de literatura

A Arteterapia é o uso da arte como base de um processo terapêutico e propicia resultados em um breve espaço de tempo. Os primeiros experimentos de arte como terapia foram realizados por *Freud* através de análises de obras de arte, e *Jung* que começou a usar a linguagem artística associada com a psicologia. A arte como terapia foi ganhando progressivamente espaço. No Brasil, a Arteterapia, começou representada pelos psiquiatras *Nise da Silveira* e *Osório César* no trabalho com arte junto a pacientes em instituições de saúde mental, na segunda metade do século XX.

No artigo Arte-Reabilitação: um caminho renovador na área da Arteterapia, Francisquetti (2016) novamente permeia na história da arteterapia até os dias atuais, e a criação da Arte-Reabilitação com referência na medicina neurológica, como uma forma de terapia para aliviar dores, reabilitação física, cognitiva e mental de cada um dos assistidos. Patologias diversas são atendidas em centro de reabilitação: paralisia cerebral, mielomenigocele; mal formação congênita, acidente vascular cerebral, traumatismo cranioencefálico, lesão medular, doenças neuromusculares e outros.

No artigo Arte-Reabilitação: Infantil e Adulto (2007) a autora Ana Alice Francisquetti mostra a vivência diária dos atendimentos AACD-São Paulo. Fala da importância do corpo seguindo a abordagem fenomenológica, “baseada na exploração cognitiva das relações entre a realidade e subjetividade das ideias, emoções e possibilidades do paciente, [...]” (2007, p. 880). O estudo demonstra que os pacientes de patologias neurológicas podem, através da arte, ter mais confiança motora, equilíbrio emocional e cognitivo e dentre outros, uma melhor qualidade de vida de cada assistido no setor da Arte-Reabilitação.

A obra Origami em Educação e Arteterapia de *Sonia Bufarah Tommasi* e *Luiza Minuzzo* (2010) enfatiza a importância do origami através da sua história e seus símbolos. O livro contém as contribuições das dobraduras na pedagogia, na psicologia e principalmente na arteterapia. “[...] o foco se concentra no restabelecimento da saúde psíquica e física. Para se atingir equilíbrio e harmonia são necessários o desenvolvimento da criatividade” (2010; p. 48). Além dos conceitos teóricos, também perpassa pela invenção do papel. O origami é a arte de dobrar papel. A palavra Origami é composta por duas palavras: *ori* “dobrar” e *kami* “papel”, também significa Deus. Essa arte foi transmitida por gerações de forma oral. Ninguém sabe quem foi o criador do origami, mas acredita-se na sua essência, “a união de várias pessoas para a criação” (Ibid. 2010, p. 27). A simbologia é sempre presente no papel e nas dobraduras.

A necessidade da arte como terapia, *Celeste Carneiro* em seu livro Arte, Neurociência e Transcendência (2010), traz a abordagem da Arteterapia, sua história e o papel do arteterapeuta. Procurando entrelaçar a Psicologia Analítica, a Psicologia Transpessoal e os avanços da Neurociência em relação à arte e à inteligência. A seguir alguns exemplos de casos de pacientes atendidos em grupo no setor de Arteterapia em centro de reabilitação (Figura 1):

Os participantes autorizaram a divulgação dos registros aqui discutidos

Identificação breve das observações:

Paciente 1. Mulher, 28 anos; sequela de trauma cranioencefálico em acidente automobilístico. Coma prolongado na fase aguda com hipertensão intracraniana acentuada nesse período. Apresenta irritabilidade e tem déficit de memória. É a mais persistente do grupo e que influencia os demais;

Paciente 2. Homem, 42 anos; Sequela de trauma cranioencefálico em acidente motociclístico. Apresenta hemiparesia direita e redução da fluência verbal. Tem queixas de equilíbrio e atenção.

Paciente 3. Mulher, 64 anos; acidente vascular encefálico isquêmico, dupla hemiparesia, disartria e disfagia. Tem alteração de memória e fala. Cultiva o hábito da leitura e tenta realizar todas as atividades com as duas mãos.

Paciente 4. Paciente 4. Mulher, 50 anos; acidente vascular encefálico isquêmico; escreve originalmente com a mão esquerda (sinistra); hemiparesia direita, diplopia, disartria e desequilíbrio. E Tem labilidade emocional (antecedente de depressão).

Figura 1: Confecção do Origami.



Fonte: Arquivo pessoal

Relatos dos Atendimento Clínicos

Todos os participantes já frequentavam o setor de Arte e Reabilitação, durante o período de atendimento foram introduzidas técnicas artísticas diferentes. Entretanto observou-se que o Origami Modular foi a técnica que mais proporcionou a socialização do grupo. Uma explicação neste caso é o fato de o Origami Modular ser um trabalho que pode ser executado ao mesmo tempo por várias pessoas. Como há a repetição das dobras para a formação de várias peças com estruturas semelhantes, os participantes tendem a ser solidários uns com os outros. Esse comportamento se estende durante o momento da montagem, onde é preciso seguir uma sequência lógica, com um roteiro de conexão para que as peças se encaixem de modo a formar o objeto.

A arte milenar japonesa utiliza uma ideia para, através da forma, estruturar aspectos de espaço e tempo que necessitam de mãos para ser executadas. O origami vem simbolicamente para subjetivar conforme Ostrower (2001, p.25), “[...] trata-se, nessas ordenações interiores, de processos afetivos, ou seja, de formas do íntimo sentimento de vida. São as nossas formas psíquicas”.

Durante o processo terapêutico, é necessária atenção nas dobraduras e na montagem, pois envolve raciocínio lógico. Assim, facilita a concentração na atividade e também desencadeia histórias intimamente ligadas à vida dos participantes. Por meio dos relatos de cada um, avaliamos as dificuldades, os anseios e as preocupações. A persistência é o foco da atividade por causa das limitações de cada um. Ostrower (2001, p.27) afirma que “Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência, se refaz sempre [...]”.

Durante a terapia, além das habilidades manuais, foram trabalhados também aspectos emocionais de cada participante. Embora a atividade exija atenção para a execução correta, no momento em que as dobraduras se tornaram automáticas, os pacientes se sentiram à vontade para compartilhar sentimentos. Houve relatos de conflitos internos com os familiares ou reclamações quanto à solidão que sentem. Muitos deles são acometidos por ansiedade e depressão.

A arteterapia pode contribuir para a superação dessas doenças na medida em que estimula o desenvolvimento de outras habilidades como afirma Ciornai, (2004, p.80) “A Arteterapia pode ajudar pessoas rígidas, pouco flexíveis, perdidas e angustiadas em face da velocidade das

mudanças que ocorrem à nossa volta nos dias de hoje, a desenvolver seu potencial criativo e seu senso de individualidade”.

Algumas limitações da pesquisa

No início, a proposta do origami tradicional foi recebida com resistência pelos pacientes, que relacionavam a técnica como uma atividade infantil, e ao mesmo tempo se preocuparam com a limitação de seus próprios movimentos para realizá-la. No entanto quando foi proposta a implantação do Origami Modular, explicada a técnica e os benefícios, houve aceitação por parte do grupo. E mesmo com a maior complexidade das dobraduras, chamou a atenção dos participantes a repetição das dobras e das peças, a sequência da montagem e o fato de ser um trabalho que pode ser executado por várias pessoas ao mesmo tempo (Figura 2).

Mas como já era esperado todos tiveram problemas de limitações motoras e muitas dificuldades durante a execução e montagem das pequenas obras, principalmente nos primeiros atendimentos.

Figura 2: Confeção do Origami



Fonte: Arquivo pessoal

Apresentação dos dados

Paciente 1: Persistente na dobradura e na montagem. Trazia de casa as peças já dobradas. Fez um pequeno vaso (Figura 3). Às vezes esquecia o esquema da montagem e desmanchava e montava novamente.

Relatou que ajudou melhorar a sua memória em alguns aspectos. Disse que logo após a fase aguda da lesão, não se lembrava do acidente, nem que era casada e considerava o marido um estranho. Gostou tanto da atividade que levou para seus atendimentos em outras terapias. Durante o acompanhamento, voltou a dirigir e teve reinserção profissional efetivada com sucesso. Sua recuperação foi muito rápida.

Paciente 2: No início recusou, com o estímulo da Paciente 1, começou a dobrar os papéis. Até arrumou estratégias para conseguir dobrar, utilizando a tampa da caixa para segurar algumas etapas da dobradura. Disse que quando concentrava até esquecia as queixas que mais incomodavam e conseguia organizar os pensamentos. Na montagem foi o único que conseguiu, quase sem erros, montar um jarro (Figura 4). Gostou da atividade e ajudou os demais do grupo.

Paciente 3: Houve uma pequena dificuldade nas dobraduras, pela limitação motora. Com a repetição conseguiu controlar razoavelmente a força. Gosta da atividade, montou uma flor de lótus com ajuda da terapeuta (Figura 5). Esforçou-se para melhorar os movimentos da mão mais fraca.

Paciente 4: Teve dificuldade de compreensão na dobradura por causa das limitações físicas, depois conseguiu manter o controle. Às vezes chorava devido aos problemas familiares e precisava de exercícios de relaxamento para concluir o atendimento na terapia. Não conseguiu realizar a montagem devido náuseas quando tentava se concentrar. Pediu para somente fazer as dobraduras (Figura 6).

Figura 3



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4



Figura 5



Figura 6



Fonte: Arquivo pessoal

Mesmo com limitações específicas, todos os pacientes relataram maior controle dos movimentos e aumento da força. Também foi observado maior concentração durante a execução das dobraduras. Outro aspecto relevante foi a nítida mudança de humor de cada um. Eles se apresentavam mais dispostos e estimulados a conseguir montar a peça final, a Paciente 4, dentro de suas limitações, melhorou muito a interação em todas as terapias. Na Arte-Reabilitação, entende-se que a terapia ajuda o paciente a reorganizar aspectos que impactam diretamente na aceitação quanto à nova realidade. Primeiro trabalhando suas necessidades básicas e o entendimento de sua nova vida, para lidar com o que deixou para trás e também seu emocional. O trabalho realizado deve ter objetivo de explorar o máximo da funcionalidade, para maior independência e socialização.

Considerações finais

É possível a aplicação do Origami Modular na reabilitação física. O origami inicialmente pode se apresentar desafiador, pela própria característica da técnica e também pela limitação motora dos pacientes. Mas com o passar do tempo a execução se torna menos complicada, à medida em que o esforço é somado à atenção particular do arteterapeuta.

A arte atua de maneira lúdica no interior de cada um. Todos os pacientes buscam se adaptar à nova vida após a doença/lesão. E cada conquista de um movimento novo é seguida por um sorriso emocionado de uma meta alcançada.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, C. **Arte, neurociência e transcendência**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2010.

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

CHIESA, R. F. **O diálogo com o barro**: o encontro criativo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Arteterapia).

FRANCISQUETTI, A. A. Arte-reabilitação: infantil e adulto. *In* FERNANDES, A. C. *et al.* **AACD medicina e reabilitação**: princípios e práticas. São Paulo: Artes Médicas, 2007. p. 865-887.

FRANCISQUETTI, A. A. Introdução à arte-reabilitação. *In*: FRANCISQUETTI, A. A. *et al.* (Orgs.). **Arte-reabilitação**: um caminho renovador na área da arteterapia. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016. p. 25-76.

FRANCISQUETTI, A. A. *et al.* (Orgs.). **Arte-reabilitação**: um caminho inovador na área da arteterapia. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

FERNANDES, A. C. *et al.* (Orgs.). **AACD medicina e reabilitação**: princípios e práticas. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

TOMMASI, S. B.; MINUZZO, L. **Origami em educação e arteterapia**. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Expressão e Comunicação).

SATO, E. M. P. **O origami como recurso arteterapêutico para reabilitação física de adultos**. 2015. Monografia (Especialização em Arteterapia) – Universidade Estadual do Vale do Acaraú, Teresina- PI, 2015.